



# Como os casamentos exogâmicos em Portugal são influenciados pelas migrações brasileiras para o território lusitano

Amanda Matos Valente<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tratará da migração de brasileiros que se mudaram para Portugal e acabaram realizando casamentos binacionais. O texto revelará as motivações, acordos entre BRA-PT e as consequências dos casamentos exogâmicos. Para corroborar a hipótese, também será discutido a assimilação segmentada como integração plena entre portugueses e brasileiros, como forma de adotar características da população nativa, garantindo uma heterogeneidade. Desta maneira irá articular uma discussão sobre a crescente migrações de brasileiros para território lusitano.

**Palavras-Chave:** Casamento exogâmico. Portugal. Brasil. Migrações.

**How exogamous marriages in Portugal are influenced by Brazilian migrations to Portuguese territory**

**Abstract:** This article deals with Brazilians who move to Portugal and end up performing binational marriages. The text is revealed as motivations, agreements between BRA-PT and consequences of exogamous marriages. To corroborate a hypothesis, segmented assimilation as full integration between Portuguese and Brazilians will also be interrupted, as a way of adopting characteristics of the native population, allowing a heterogeneity. In this way a discussion will be articulated about the growing migrations of Brazilians in the Lusitanian territory.

**Keywords:** Exogamous marriage. Portugal. Brazil. Migrations.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Relações Internacionais pela PUC Minas. Barbacena, Minas Gerais, Brasil, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6940-7368>. E-mail: amanda.matosvalente@gmail.com.



## 1. Introdução

“Pior que não terminar uma viagem, é nunca partir” (KLINK, 1985). A história de nossos antepassados se constrói a partir da natureza nômade, a qual sujeitava os indivíduos a permanecerem em constante movimento na busca de recursos para subsistência. Foi a partir da migração que a terra foi povoada e também foi a partir dela que as Américas foram [re]descobertas<sup>2</sup>. Em outras palavras, a migração é uma atividade que faz parte da nossa história e da própria natureza humana. A migração de uma região ou país, para outro é considerado um acontecimento cotidiano, pessoas saem de suas cidades, regiões e países em busca de uma qualidade de vida melhor. Atualmente, a partir de dados coletados pela Organização das Nações Unidas (ONU) (2016), existem 244 milhões de pessoas que saíram do seu país de origem, para viver em outro por inúmeros motivos, dos quais cerca de 20 milhões, diferentemente do migrante, são considerados refugiados.

Ao decorrer deste trabalho, irá se dismantelar as incógnitas por trás do fenômeno dos brasileiros/as que mudam – migram – para Portugal com finalidade de se casarem, isto é, para constituir uma família em território lusitano através do matrimônio exogâmico entre brasileiros e portugueses. A partir da análise de conceitos e dados obtidos do texto “Padrões de Casamento dos Imigrantes Brasileiros Residentes em Portugal<sup>3</sup>” das autoras Ana Cristina Ferreira e Madalena Ramos, divulgado no ano de 2012, aplicar-se-á a Teoria da Assimilação Segmentada para compreender a real questão da temática deste trabalho. Os critérios analisados serão: o contexto histórico, o nível de integração entre as culturas luso-brasileira, a escolha de Portugal como país de destino, o perfil dos brasileiros que escolheram Portugal como residência, os motivos dos mesmos para emigrar, assim como, as repercussões desse fenômeno para as relações Brasil-Portugal.

Faz-se importante aclarar que não resumiremos o texto indicado para leitura, embora, iremos utilizá-lo como texto base para criar a nossa própria análise respondendo aos questionamentos correspondentes. Ao que tange os textos complementares, acredita-se, que ajudarão a dar um melhor encerramento e uma postura diferente para as indagações, tratando também de outros pontos de vista do fenômeno. Considerando a parcela de brasileiros que vivem em Portugal, - conformam 25% de todos os imigrantes - o brasileiro assume uma postura de pedra angular ao tratar-se das variáveis “migração” e “Portugal”.

Não obstante, o texto base utiliza os dados em duração de somente 8

---

<sup>2</sup> Há indícios que outros povos já estiveram aqui antes de Cabral e Cristovão Colombo. Por isso [re] descobertas, já que uma vez poderiam ter sido descobertas por outros povos. Colombo, pedindo financiamento ao governo Português devido a sua posição estratégica de lançamento ao mar, teve seu pedido negado. Então, partiu para Espanha a fim de arrecadar dinheiro para suas expedições marítimas, a rainha o concebeu, realizando enfim sua aventura ao mar.

<sup>3</sup> Ref.: Rev. bras. estud. popul. vol.29 no.2 São Paulo July/Dec. 2012.

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-30982012000200009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982012000200009)>.



anos, isto é, entre 2001 e 2009, os quais as autoras tiveram acesso a dados sóbrios e concretos e também, tendo em vista a data em que a obra foi produzida. Pela lacuna de tempo deixada desde 2009 a 2017, as autoras nos conferem a liberdade de complementar o texto, utilizando novos índices e dados que reflitam melhor a situação dos casamentos mistos entre brasileiros e portugueses e sua consequente migração para Portugal nos dias atuais.

## **2. Histórico da colonização brasileira por Portugal**

Os descobridores eram como pássaros há muito mantidos em uma enorme gelada gaiola medieval chamada Europa (BLAINEY, 2009). De acordo com o autor, a grande mudança que estava ocorrendo na Europa, devido à emergência da nova forma de pensar e calcular o mundo, intitulada Renascença<sup>4</sup>, desencadeou a possibilidade para que grandes descobertas fossem feitas, não somente no campo das artes, mas também, na cartografia. Navegadores audazes zarparam dos portos de Portugal e Espanha, ao longo da costa do Atlântico (BLAINEY, 2009).

Em 1492, Cristóvão Colombo, munido em três naus, zarpou da Espanha, rumo ao desconhecido, ou ao que parece, ao Novo Mundo, podendo ser sua expedição uma das mais significativas de todo o milênio. Em consonância com o autor, Portugal ao se deparar com tanta riqueza encontrada no Novo Mundo, também se deslumbrou e lançou-se ao mar. Inicialmente, as viagens portuguesas se dirigiam a Índia, seu roteiro era regular, contudo, considerando a rota e as dificuldades das navegações, os soldados portugueses começaram a desertar.

É imprescindível para o estudo da migração no Brasil falar sobre a relação dos colonizadores portugueses com os nativos indígenas e, além disso, sobre a migração forçada de escravos africanos. Compreender o contato dos indígenas, portugueses e dos escravos africanos durante o período do Brasil colonial é de suma importância para o estudo da formação da identidade brasileira atual.

Para Gilberto Freyre, a nossa sociedade em formação conseguiu “equilibrar” os antagonismos entre essas culturas diferentes para formar uma nova cultura, uma cultura original, até então não existente no mundo: a cultura brasileira. Podemos dizer, portanto, que a cultura brasileira é híbrida, isto é, miscigenada, formada por elementos que vêm de culturas muito diferentes entre si; e ela é também plural, pois suas manifestações são diversas e têm raízes múltiplas, que podem ser populares ou eruditas. Europeus das mais variadas origens (com predominância dos portugueses), africanos

---

<sup>4</sup> Novo movimento de mudanças e conquistas culturais que acontecia na Europa. Levavam em consideração descobertas nas áreas da filosofia, arte, sociologia, política, ciência, dentre outros. Seu período se concretizou entre o século XIV e XVI, marcando o período entre a transição da idade média para a idade moderna.



(com predominância dos nativos da Costa do Ouro) e índios constituíram a base de nossa sociedade, que se desenvolveu a partir das misturas possíveis (no plano humano e cultural) entre essas três componentes (GOMES; ROCHA, 2016, p. 99).

Entretanto, apesar do equilíbrio para a formação de nossa sociedade, é importante ressaltar que o contato entre europeus, índios e africanos, não foi de forma alguma amistoso. Desde o início, os portugueses que aportaram no Brasil no que consideramos, ainda hoje, o descobrimento do país, viam os povos nativos como seres atrasados e que não estavam a altura deles. Tal visão se dava pelo que chamamos de eurocentrismo, assim, como exposto por Gomes e Rocha (2016), os europeus concebiam que sua cultura como um todo era superior aos de outros povos que não tinham os mesmos preceitos.

De tal maneira, a “inferioridade alheia” servia de justificativa para sobrepor sua cultura a qualquer um que não partilhasse dela, de maneiras por vezes brutal. E este é um ponto essencial no processo de colonização e para os processos de identidade nacional e de migração nos dias atuais. Os colonizadores europeus, boa parte das vezes, não prezaram pela manutenção da cultura dos colonizados, pois a viam como inferior, e além disso, enxergavam na própria cor e caracteres dos povos nativos de outros locais algo subalterno.

No início da relação entre índios e portugueses, os primeiros eram vistos pelos colonizadores como forma rápida e fácil de obter o pau-brasil, visto que conheciam a geografia do local. O método de troca conhecido como escambo mudou a vida nos índios, os quais passaram a ter maior facilidade para realizar tarefas diárias como caça e pesca por conta dos utensílios obtidos dos portugueses. Entretanto, os novos objetos não mudaram a cultura indígena como um todo visto que, como posto por Florestan Fernandes (2018a).

Os bens culturais, recebidos através do escambo, não chegaram a desencadear mudanças culturais profundas. A razão disso é evidente. [...] A difusão desses elementos culturais não afetava [...] o equilíbrio do sistema organizatório tribal. De um lado, porque o uso de tais artefatos não se fazia acompanhar da aceitação das técnicas europeias de produção, de circulação e de consumo. De outro, porque os próprios indígenas selecionavam os valores que desejavam incorporar à sua cultura, rejeitando os demais, às vezes até de forma desagradável para os brancos [...]. O essencial é que os brancos não tinham poder, nessas condições, de obriga-los a agir de outra forma e a promover a substituição de instituições tribais que lhes pareciam “bárbaras”. Em consequência, o processo de mudança cultural seguia o curso determinado pela capacidade de assimilação de inovações dos aborígenes (FERNANDES, 2018a, p.102-103).

Diversas questões confluíram para que ocorresse o processo de desmonte da cultura e tentativa de submissão dos índios, talvez o mais importante, o medo da coroa portuguesa de perda de poder sobre o território e a necessidade iminente de o colonizar, de fato, através do povoamento da terra. De tal maneira, podemos pontuar a importância da cobiça pela terra



como chave para os entraves entre indígenas e portugueses que viriam a ser travadas nos anos seguintes. O índio, neste ponto “passou a ser encarado como um obstáculo à posse da terra, uma fonte desejável e insubstituível de trabalho e a única ameaça real à segurança da colonização. Passamos, então, do período de tensões encobertas para a era do conflito social com índios (FERNANDES, 2018a, p.105)”.

Um dos pontos chaves do plano da coroa portuguesa para a submissão dos índios ocorreu por meio das missões dos jesuítas. Diversos subterfúgios foram utilizados, o principal deles foi dar aos índios uma educação “portuguesa”, que os ensinaria a língua, religião e o modo de trabalhar de seus colonizadores, tentando aproximá-los o máximo possível do ideal português de cultura. Entretanto, os índios muitas vezes não aceitavam o tratamento ao qual eram submetidos, o que criava conflitos, os quais em conjunto com diversas epidemias por doenças trazidas pelos colonizadores dizimavam os nativos e sua cultura.

Apesar da proibição pelo papa Paulo III através da bula *Veritas Ipsa* em 1537, através da qual se afirmava “que as populações autóctones da América possuíam alma e que não deveriam ser objeto de maus tratos ou escravização” (OLIVEIRA, 2010, p.26), a escravização do povo indígena continuou, principalmente com justificativa das chamadas “guerras justas”.

Em sua empreitada para colonizar o Brasil, Mem de Sá, o terceiro governador-geral, dirigiu diversas guerras contra os nativos. Parte da violência provocada se dava para tornar aqueles que resolviam se rebelar um exemplo as outras tribos. Assim,

[...] Durante duas décadas, o terceiro-governador geral moveu guerras (decretadas como “justas”) contra os Tupinambás no Recôncavo baiano; os Tupiniquins, no sul da Bahia e Espírito Santo; os Caetés, em Pernambuco. Nas décadas seguintes novas “guerras justas” foram dirigidas por outros governadores contra os Aymorés, em Porto Seguro e Ilhéus, e contra os Potiguaras, da Paraíba e do Rio Grande do Norte (OLIVEIRA, 2010, p.22).

A reação dos nativos ocorre de diferentes maneiras conforme a tribo e o local que estava sendo disputado. No que concerne a reação violenta, o fracasso frente aos portugueses ocorre não só pela falta de uma equidade de armamentos, mas também a falta de coesão entre diferentes tribos para lutar contra os portugueses. Os índios tinham o conhecimento geográfico necessário para combater as invasões portuguesas, mas sem coesão entre as tribos para tal empreitada, tornou-se quase impossível combater as invasões, restou, muitas vezes, a submissão voluntária ou a migração para áreas de difícil acesso aos portugueses ou nas quais estes pouco tinham interesse. (FERNANDESa, 2018)

O processo de submissão dos indígenas conjurado pela coroa portuguesa foi de extrema importância para o processo de colonização do território brasileiro, assim como foi importante para o povoamento do



território. As possibilidades de obter terras e mão de obra barata para cultivá-la foram um grande incentivo para a vinda de muitos portugueses para as terras brasileiras. Além disso, ao serem convertidos ou mandados a outros territórios, os indígenas passam a fazer parte do “contingente populacional português”. Pero de Magalhães Gândavo (1995) *apud* João Pacheco de Oliveira (2010) propõe como exemplo do crescimento populacional na época, que a Bahia em 1570 tinha cerca de 6 mil pessoas, vinte anos depois já seria 5 vezes maior, chegando a 30 mil moradores, sendo quase metade desses composta de índios.

Após a escravidão indígena se tornar ilegal e em partes devido a necessidade pela coroa portuguesa de obter um mercado comercial mais vasto, tem início o processo de tráfico negreiro para o Brasil, notavelmente o maior processo de migração forçada da história. Assim como aconteceu com os indígenas, os escravos africanos eram vistos como seres inferiores aos olhos europeus, não só pela sua cultura, mas também pelas suas características físicas. A escravidão africana, diferente do que ocorreu com a indígena, não suscita uma resposta mais rápida para ser contida, demorando mais de três séculos para se tornar ilegal.

O escravo negro era visto como um objeto, e não uma pessoa escravizada, assim ele pertencia a um senhor branco e a ele devia sua própria vida – a qual por vezes ao menos era considerada algo importante. Assim como ocorreu com o indígena no início do século XVI, o escravo africano foi a mão de obra utilizada pelos colonos nas décadas que viriam a seguir, sendo considerado uma das faces mais comuns no Brasil colonial. Por quase um século e meio, as terras do Brasil colônia seriam geradas de maneira ligeiramente linear, com um fluxo constante de migração forçada de escravos africanos e portugueses vindo em busca de riquezas. Uma mudança maior só viria a ocorrer no final do século XVII, com a descoberta de ouro em Minas Gerais.

O que chamamos hoje de Ciclo do Ouro, recrudescer as migrações para o Brasil de maneira acentuada. Além de ser muito atrativo para aqueles que queriam explorar as preciosidades da terra, o garimpo necessitava também de muita mão de obra. A certo ponto houve um número tão acentuado de portugueses migrando para as terras brasileiras em busca de riqueza que a coroa passou a firmar leis de punição para aqueles que deixassem Portugal pelo Brasil sem permissão.

A mão de obra escrava e o aprimoramento do maquinário pelos ingleses foram utilizados em larga escala como afirmam Schwarcz e Starling (2018) em seu livro *Brasil: Uma Biografia*. Os sertanistas aprenderam a estratégia de sobrevivência e os meios de adaptabilidade capazes de garantir as formas de permanência no sertão das Minas: manter-se vivo e em relativa segurança num lugar isolado, cercado por um ambiente natural intratável, desconhecido e dominado por feras e índios hostis (SCHWARCZ; STARLING, 2018). De acordo com as autoras o caminho para as Gerais havia sido desbravado, porém, a



permanência no local seria de difícil [con]vivência, tanto com os nativos quanto com as condições que cercavam a terra nova.

A novidade dos descobertos de ouro circulou rápido pela colônia; em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador muita gente comentava e enviava mensagens alvoroçadas para parentes em Portugal. Não havia mais o que fazer. Nem o esforço da Coroa em manter em segredo sobre a localização das Minas, receosa da cobiça das potências rivais, nem o susto das autoridades locais diante da debandada de moradores dos núcleos de povoamento do litoral, nem mesmo a áspera travessia da Mantiqueira, nada conseguia impor limite à ambição desenfreada, e uma massa alucinada se deslocou para aquela região. [...] Gente de toda espécie se espremia no afã de se arriscar pelas trilhas de acesso ao ouro e, no meio da multidão havia de tudo: os que careciam de esperança para sair da miséria, os que se deixaram levar pelo sonho da riqueza fácil, os que precisavam escapar do turbilhão político e religioso. [...] A proveniência dessa gente era bastante variada. Uma parte procedia de Portugal e deixou para trás mulher e filhos. Uma população também numerosíssima, vinda das demais capitanias, sobretudo de São Paulo, Bahia e Rio de Janeiro, vendeu o que possuía, jogou a sorte no mundo e deslocou-se para lá (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 114-115).

Assim, nota-se que o Ciclo do Ouro em Minas foi de suma importância para a questão da migração para o Brasil, e muito mais que isso, a importância deste período para os modelos de urbanização que viriam nos anos posteriores. Podemos observar durante este período que a urbanização da região de Minas Gerais foi fortemente incentivada devido ao caráter comercial do local e por conta da massiva leva de portugueses que vieram em busca de riquezas, as quais foram por vezes utilizadas no próprio processo de urbanização das cidades mineiras. Algo parecido veio a ocorrer no Rio Janeiro, durante a vinda da corte portuguesa para o Brasil.

Um tema polêmico, que até hoje se discute é a fuga (ou mudança) da corte portuguesa para o Brasil quando Napoleão<sup>5</sup> em uma de suas investidas tentou conquistar o território lusitano. Vários termos foram adotados para traduzir esse fluxo em massa de portugueses para a terra de Santa Cruz<sup>6</sup>, como por exemplo: “transferência voluntária”, “transplantação”, “transposição da sede portuguesa” ou mesmo “transmigração”. A rainha, seus príncipes, princesas e toda a nobreza abandonaram o país para viver do outro lado do mundo (GOMES, 2007).

De acordo com Gomes (2007), os dois mundos tiveram um encontro em 1808 na cidade do Rio de Janeiro, cada um com suas vantagens e carências. O próprio Conde de Palmela, ao chegar ao Brasil em 1817, referiu-se ao país nas palavras de Gomes (2007) como uma terra que: “falta gente branca, luxo, boas estradas, enfim, faltam muitas coisas que o tempo dará”.

<sup>5</sup> As Guerras Napoleônicas, datadas de 1803-1815, tinham como missão fazer com que o Império Francês dominasse a Europa ou pelo menos a maior parte dela, foi uma ramificação das Guerras Revolucionárias de 1792.

<sup>6</sup> Como o Brasil era chamado antigamente.



De um lado, havia uma corte que se julgava no direito divino de mandar, governar, distribuir favores e privilégios, com a desvantagem de não ter dinheiro. De outro uma colônia que já era mais rica que a metrópole, mas ainda não tinha educação, refinamento ou qualquer traço de nobreza (GOMES, 2007).

A necessidade de branqueamento da população permeou a história do Brasil. A mudança da família real para a sua, então, colônia, tornará essa questão mais fática. Os portugueses, principalmente a aristocracia, viam no Brasil um local extremamente atrasado, não só devido à falta de estrutura, mas também sem cultura. Colocavam a culpa na própria população, a qual devido à mestiçagem teria ficado atrasada, como visto pelo comentário do Conde de Palmela sobre a “falta de gente branca”. Viam no branco, europeu, o modelo correto de ser e viver, qualquer outra maneira era menor e errônea.

Entre 10.000 e 15.000 pessoas acompanharam o príncipe regente na viagem ao Brasil. Era muita gente levando em conta que a capital de Lisboa tinha cerca de 200.000 habitantes (GOMES, 2007). O autor ainda salienta que entre a tripulação, encontravam-se conselheiros reais, pessoas da nobreza, médicos, bispos, padres, conselheiros reais, militares, juízes, advogados, damas de companhia, camareiros, pajens, cozinheiros e cavaleiros, comerciantes e toda sua família.

Em consonância com Gomes (2007), o Atlântico dividiria os dois potenciais “rivais”, de um lado havia uma Europa cansada de guerra, empobrecida e humilhada, e do outro, uma ex-colônia que na mesma época havia enriquecido e se tornado um país próspero “e agora contemplava o futuro com esperança e otimismo”. A porta da gaiola abria-se: os pássaros fugiram, primeiro um a um, depois em grupos de quatro; em sua nova liberdade, eles mostravam sua plumagem de verão e cantaram como nunca haviam cantado antes (BLAINEY, 2009).

A visão do Conde de Palmela sobre o Brasil, sua estrutura e população retomam um fator importante da questão da identidade brasileira. É fato que o brasileiro, apesar de ser um povo que é primordialmente mestiço desde sua formação, ainda considera o branco como epítome do que é ideal. Diversas teorias foram criadas ao longo dos anos para tentar justificar o atraso de determinadas raças sobre outras.

No Brasil, ainda no final do século XIX, surgem os primeiros estudos nesse sentido. A maioria deles coloca os indígenas e negros como o ponto de atraso ou causa das “más qualidades” da população brasileira. Raimundo Nina Rodrigues (1938) citado por Pelegrini (2014) propunha que os negros seriam ponto principal do atraso nacional por conta de sua evolução primitiva e da escravidão, a qual teria “retirado do negro o desejo pelo trabalho, interpretado como exploração (PELEGRINI, 2014, p.17)”.

Pelegrini (2014) explicita que Silvio Romero (2001) em seu estudo das raças, procurou dar um tom mais positivo a cada contribuição das raças



para a miscigenação no Brasil. Entretanto, há uma pontualidade interessante, mesmo com o tom positivo, Romero também coloca os indígenas e negros como seres atrasados, e, assim, o branco tem o papel principal de civilizador em seu estudo, utilizando do pensamento evolucionista errôneo de sua época.

Apesar dos estudos de Rodrigues e Romero terem sido publicados entre o final do século XIX e início do século XX, eles corroboram com o pensamento do Conde de Palmela em 1817. Vê-se na miscigenação brasileira um caráter de pobreza cultural, de atraso e o único modo para reverter tal fato seria através do branqueamento da população. Florestan Fernandes (2018b) faz um comentário pontual sobre essa questão ao dizer que

De um modo geral, as variações individuais gravitam em torno do tipo branco, que tende a absorver os demais tipos (o negro e o indígena), que pouco a pouco desaparecem como unidades raciais. Esse processo de absorção dos outros elementos pelo branco tem sido a característica por excelência da formação étnica brasileira. [...] os elementos fundamentais que entraram na formação brasileira foram o índio, o branco e o negro, e [...] desde os fins do século XIX, há novos aspectos na miscigenação brasileira, graças às colônias do sul. Mas, como elementos que integram esses núcleos não são muito numerosos [...] é possível que eles sejam totalmente assimilados à corrente branca que vem dos portugueses, da era colonial (FERNANDES, 2018b, p.14 -17).

Assim, se percebe nas migrações brasileiras, desde seu início, um caráter muito próprio, o da necessidade do deslocamento. A colonização se dá somente quando foi necessário povoar o território para não perde-lo. Aqueles que aqui já habitavam, são visto como atrasados, portanto serviriam somente como um modo de “ocupar espaço” seja como mão de obra ou em quantidade populacional. Por sua vez, os negros, migrantes forçados em tal quantidade, conseguem se inserir na cultura a ponto de serem vistos por estudiosos como causa do “atraso brasileiro”.

O branco - em sua maioria, o português - nesta miscigenação será visto como a “encarnação salvadora da pátria”, uma visão que permeará a visão idealista do brasileiro por muitos séculos, inclusive no próprio norteamento sobre as escolhas de destino para emigrar.

### **3. Redes Migratórias Brasileiras em Portugal**

As redes migratórias são caracterizadas por um conjunto de atores ligados entre si através de grupos de migrantes. São aqueles grupos que, apesar de não estarem na sua terra de origem, mantem a sua cultura e sua identidade dentro do lugar de destino.

Para Massey, redes migratórias podem ser definidas como “complexos de laços interpessoais que ligam migrantes,



migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade” (1988, p. 396). Outra definição acentua algumas das funções sociais das redes, ao defini-las como “agrupamentos de indivíduos que mantêm contatos recorrentes entre si, por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos. Além disso, são formações complexas que canalizam, filtram e interpretam informações, articulando significados, alocando recursos e controlando comportamentos” (Kelly, 1995, p.129) (MASSEY, 1998; KELLY, 1995 apud TRUZZI, 2008, p.203).

De acordo com o ACNUR (2016), migrar é entendido como um processo de mudança de espaço, que envolve cambiar sua residência para outra região, território, país, etc. e, por certo período de permanência. Os laços das redes migratórias são representados pelos próprios fluxos populacionais, ou seja, pelas migrações.

Os motivos que levam as pessoas a migrar são diversos, porém, majoritariamente, os indivíduos saem do lugar onde se encontram buscando fugir de estruturas institucionais precárias, como, por exemplo, a dificuldade para acessar serviços de saúde ou de educação de qualidade, além de situações como o desemprego ou a pobreza, influenciam para que as pessoas decidam sair de um local inicial e se desloquem para outra região.

Nos últimos anos, foi possível perceber um aumento do fluxo migratório de refugiados, principalmente oriundos do oriente médio, que por sua vez são categorizados a partir da

[...] Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951), são refugiados, as pessoas que se encontram fora do seu país por causa de fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou participação em grupos sociais, e que não possa (ou não queira) voltar para casa. Posteriormente, definições mais amplas passaram a considerar como refugiados as pessoas obrigadas a deixar seu país devido a conflitos armados, violência generalizada e violação massiva dos direitos humanos (ACNUR, 2016).

Porém, mesmo que necessário nos dias atuais, assuntos referentes aos refugiados, não nos concerne neste trabalho, somente colocar em evidência sua diferença e participação na rede migratória – levando em consideração a grande preocupação da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) em estabelecer uma diferença entre os dois termos.

Em suma, os indivíduos se deslocam para migrar quando percebem melhores condições de vida em outros espaços para se viver - ou sobreviver, neste caso o migrante estaria fugindo de certas situações ou mesmo, se enquadrando na categoria de refugiado. A escolha do país de destino, geralmente, é feita com base na chamada similitude cultural ou proximidade com o país de destino. Mannheim (1993), expressa o seguinte sobre o assunto:

O termo ‘proximidade’ pode ser interpretado sob diversos



ângulos, tanto em termos sociais e culturais como em aspectos espaço-temporais. Desse modo, favorecem a proximidade de fatores, como compartilhar uma crença religiosa, possuir a mesma língua ou ter hábitos de vida similares. (MANNHEIM, 1993).

As distâncias entre localidades são “encurtadas” pelo avanço dos meios de transporte e comunicação, essa proximidade continua a exercer um papel preponderante nas relações sociais, sendo esta, o surgimento das nações para os dois Estados. Assim, ainda em consonância com Mannheim (1993), a partilha histórica de valores e de padrões culturais entre ambas as sociedades, como a busca por um status econômico comparável ao do local de origem, são variáveis relevantes para a escolha do lugar ao qual se elege para migrar. Sobre tal questão, Truzzi (2008) citando Ramella (1995), coloca que

[...] nesse último sentido, compreende-se que os vínculos sociais possam ser valorizados não apenas na sociedade de origem, instruindo a decisão de emigrar, mas também na sociedade de recepção, após a emigração. Daí o valor estratégico dos vínculos comunitários também no período de integração à nova sociedade, normalmente estudados segundo uma série de indicadores, entre os quais os padrões residenciais, ocupacionais, matrimoniais e o vigor das associações étnicas (especialmente associações de socorro mútuo organizadas por origem) são os mais comuns. O que se deseja, em cada um desses casos, é justamente aferir o grau em que as redes pré-emigratórias ainda operam no novo país, a ponto de influenciar, respectivamente, aglomerações espaciais, opções profissionais, taxas de endogamia e esferas de sociabilidade próprias a cada grupo de imigrantes [...] (RAMELLA, 1995 apud TRUZZI, 2008, p.210).

De tal forma, a integração entre ambas as culturas é indispensável para compreender o incremento dos casamentos entre portugueses e brasileiros nas últimas décadas e a sua relação, diretamente proporcional do ponto de vista das autoras (2012), com a integração de ambas as comunidades. A integração é considerada típica de uma sociedade a partir da sua disposição para abertura de fronteiras com características de acolhimento, sendo os casamentos exogâmicos vistos como uma amostra da fácil adaptação dos brasileiros à sociedade de destino.

Segundo Martins (2010), a partir da absorção da cultura portuguesa, da sua história, seus valores e padrões sociais, a migração torna-se facilitada pelas similitudes com a própria cultura brasileira que por sua vez foi colonizada de forma a desencadear uma institucionalização do povo brasileiro pelo lusitano. Devido a esses fortes laços entre Brasil e Portugal, as redes sociais existentes entre os dois países são grandes, permitindo uma maior confiança nas informações trocadas e uma maior chance da decisão por migrar, visto que haverá também apoio mais facilitado na chegada daquele que migra.

Assim como foi promulgado pela assimilação segmentada, tema e teoria que trataremos no próximo capítulo, quanto maior for essa semelhança,



menor será o perigo de migrar, em outras palavras, quantos maiores forem os pontos de convergência entre suas culturas em território estrangeiro, mais facilmente o indivíduo considerará a nova sociedade uma opção atrativa e a adotará como sua.

#### **4. A Teoria da Assimilação Segmentada aplicada ao processo de migração**

As redes sociais funcionam como facilitadoras do processo de transição de uma localidade para outra, funcionando como fontes de informação para a redução dos obstáculos de migração, isto é, estreitam-se as fronteiras para o intercâmbio de conhecimento. Principalmente no que diz respeito às incertezas que surgem sobre o novo local, as redes sociais são interessantes para promover informações tais como condições de vida, bem-estar, adaptabilidade à costumes locais, remuneração, mercado de trabalho, moradia, dentre outros, tornando-os fundamentais para os fluxos migratórios. Desta forma tais informações atraem os migrantes que acabam criando laços entre elas e, ao mesmo tempo, espaços de migração ou regiões de migração (BARBOSA, 2015).

As redes sociais são fundamentalmente o meio pelo qual os sistemas migratórios se processam. As análises devem considerar o migrante não somente por seus atributos pessoais ou intenções individuais, mas sim como uma entidade dotada de relações que se conecta a outros conjuntos definidos por laços de parentesco, amizade, conhecimento, trabalho. Nesta perspectiva, os movimentos populacionais são, também, a expressão das possibilidades criadas por um conjunto de relações nas quais o indivíduo se insere (SOARES, 2002).

De acordo com Soares (2002), uma rede social consiste no conjunto de pessoas, organizações ou instituições sociais que estão conectadas por algum tipo de relação. A rede pessoal representa um tipo de rede social que se funda em relações sociais de amizade, parentesco e laços familiares. Já a rede migratória é um tipo específico de rede social que conteria apenas as relações de indivíduos, famílias e organizações, envolvidas direta ou indiretamente com o processo migratório, sua convergência de hábitos e seus costumes. Ou seja, seriam redes sociais adaptadas à migração (BARBOSA, 2015). Estudos recentes sobre os movimentos migratórios vêm considerando um conjunto complexo e dinâmico de elementos econômicos, sociais e estruturais, expressos nas redes sociais na migração (SOARES, 2002).

Oswaldo Truzzi (2008), em seu estudo *Redes em processos migratórios*, explicita a classificação de Charles Tilly (1978) sobre as migrações. Segundo esta, existiriam quatro tipos principais de migração: locais, circulares, de carreira e em cadeia. No caso brasileiro em Portugal, nos concerne discutir



sobre a última possibilidade, visto que as migrações em cadeia visam aquelas pessoas que buscam determinado destino motivados por informações garantidas por pessoas de confiança já instaladas no local (TRUZZY, 2008, p.200).

Assim, a definição de cadeias migratórias de Tilly (1978) vai de encontro a de redes dada por Massey (1988), de modo a concluir a influência de suma importância de conhecer, por fontes confiáveis, o local para onde pretende se migrar. Além disso, mostra o caráter que importância “dos emigrados na sociedade de origem, de modo a influenciar o comportamento de novos migrantes potenciais, estimulando ou restando projetos, expectativas e investimentos futuros (TRUZZI, 2008, p.203)”.

A partir da Teoria da Assimilação Segmentada, são analisados três diferentes níveis de assimilação dos imigrantes nas sociedades acolhedoras: 1. Aqueles que se adaptam totalmente ao ambiente, acolhe e é acolhido pela sociedade; 2. Aqueles que apresentam uma receptividade à nova cultura apenas parcialmente e normalmente unem-se em grupos minoritários; e por último 3. Estão aqueles que não serão assimilados nunca, pois não estão abertos para assimilação de novos costumes, rejeitando-os. Estes três níveis são categorizados com base em três fatores sociais: a exposição e permeabilidade do indivíduo à sociedade acolhedora, a idade na qual se estabelece no país de destino, a língua, o local de nascimento, etc. (FERREIRA; RAMOS, 2012).

A teoria predominante para explicar a integração social dos imigrantes e a sua assimilação (isto é, integração plena) na sociedade receptora. Neste sentido, os casamentos entre imigrantes e nacionais ilustram a integração social desses indivíduos, estando um número elevado destas uniões associado a sociedades onde as barreiras culturais e socioeconômicas foram diluídas e os imigrantes adotaram características da população nativa (Alba e Golden, 1986; Dribe e Lundh, 2008; Pagnini e Morgan, 1990).

Torna-se relevante neste ponto explicitar algumas questões sobre o conceito de aculturação, visto que é um termo importante não só para compreender a questão das migrações, mas também da inserção do migrante no local e na rede que o acolherá. Além disso, ele detém, até certo ponto, similaridades e complementaridades com o conceito de assimilação.

De certa maneira, podemos compreender que o conceito de aculturação está inserido no escopo do que conhecemos por assimilação. Isso ocorre, pois o primeiro conceito denota um arcabouço de valores inerentes ao indivíduo durante sua formação que acabam por ser modificados em sua inserção em uma nova comunidade. Ou seja, ao modificar suas ações e valores, entendemos que a pessoa já modificou certa parte de sua cultura primária, assim o sujeito se submete a outra cultura de maneira a ser assimilada ao novo espaço do qual faz parte (WILLEMS apud KOSMINSKY, 2007).

A identidade por assimilação ou apropriação, eventualmente



também chamada de aculturação, corresponde ao processo de submissão do sujeito a um outro ou a uma comunidade, ou de uma comunidade a outra, em que se funde. Diz-se que a comunidade maior assimila o 'corpo [inicialmente] estranho' e que o sujeito se apropria da cultura (valores, história, língua) do grupo (REZENDE, 2010, p.40).

De maneira distinta, podemos compreender que a assimilação, por sua vez seria somente um processo da aculturação. Aqueles que pensam segundo esse viés, como é o caso de Borges Pereira (1974), procuram explicar que o conceito de aculturação seria a mudança perpassada pelos indivíduos após o contato de culturas distintas continuamente, ou seja, para que a aculturação ocorra ela depende de muitas variáveis, dentre elas a assimilação e as personalidades individuais. Assim, enquanto a assimilação é a aceitação de novos moldes culturais devido ao contato com um novo povo, a aculturação é o fenômeno resultante do contato, ou seja, é visto como a concretização das mudanças ocorridas devido ao contato entre culturas distintas (PEREIRA, 1974; WILLEMS, 1980 apud KOSMINSKY, 2007).

Willems (1980) citado por Kosminsky (2007) faz uma pontuação muito relevante sobre a questão da miscigenação no Brasil. Segundo o autor,

Entre nós mede-se, muitas vezes, a "assimilabilidade" de um grupo étnico pelo grau de miscigenação. Quem não casa com brasileiro é geralmente considerado "inassimilável". Com efeito, pensar assim significa atrelar o carro adiante dos bois. A organização da família e os padrões de sexualidade pertencem, com toda a certeza, às esferas íntimas de qualquer criatura humana. É improvável que a assimilação se possa iniciar justamente por esta esfera à qual todas as sociedades aplicam um sistema de controle destinado, a um tempo, a evitar desajustamentos internos e penetração externa. Todas as sociedades conhecidas cercam as questões ligadas à aproximação e associação dos sexos, ao matrimônio e à criação dos filhos, com cuidados inúmeros e, não raro, extraordinariamente complicados. Contatos entre grupos culturalmente diferentes precisam ser demorados e íntimos para que se chegue a uma compreensão mútua das concepções atinentes ao sexo, ao matrimônio e à família. E nem sempre a compreensão recíproca facilita a fusão. Ao contrário, as diferenças culturais verificadas podem distanciar mais ainda os grupos em contato, pois estes percebem que a miscigenação lhes desorganizaria o setor mais resguardado de sua cultura (WILLEMS apud KOSMINSKY, 2007, p.799).

Através da pontuação de Willems (1980) citado por Kosminsky (2007), podemos depreender que a questão do casamento é um ponto especialmente importante para entender a assimilação de migrantes com a nova cultura em que se inserem. Mais do que isso, conseguimos enxergar se o migrante se inseriu na cultura alheia e passou a exteriorizá-la como própria, ou seja, ocorreu aculturação, a subordinação de seu valores e cultura a uma nova. De tal maneira, para o viés do presente estudo, se compreende que aculturação é o processo através do qual o indivíduo se subordina a uma nova cultura para



a qual migrou e se fundiu.

## 5. Casamentos exogâmicos luso-brasileiros em Portugal e suas conseqüentes migrações

De acordo com Rocha-Trindade (1995), os imigrantes brasileiros, superaram o número de imigrantes africanos, se tornando a parcela mais significativa de estrangeiros em Portugal. É interessante notar que o número de casamentos exogâmicos em Portugal é diretamente desproporcional ao número de casamento exogâmicos de brasileiros dentro do território português, em outras palavras, enquanto o número de casamentos de estrangeiros diminui no geral, o número de matrimônios de brasileiros tende a aumentar. Do mesmo modo acontece com a união entre os próprios portugueses, o número tende a decrescer enquanto os casamentos mistos entre portugueses(a) e brasileiros(as), ainda assim, aumenta.

A teoria da Assimilação Segmentada<sup>7</sup>, em contraponto a teoria da Assimilação Clássica<sup>8</sup>, considera que as sociedades por serem diversas fomentam a integração, já a Clássica pressupõe que para a integração ocorrer em sua plenitude é necessário que a comunidade seja homogênea. Como a teoria proposta apresenta a integração da sociedade a partir da sua heterogeneidade, estudar como já anteriormente explanado a teoria da Assimilação Segmentada, se torna mais pertinente para o tema proposto.

Tendo em mente o tema apresentado, de acordo com Ferreira e Ramos (2012) haveria três tipos de imigrantes, aqueles que se comprometem a assimilar a cultura alheia, de modo a aculturar-se, outros que pertenceriam a grupos minoritários dentro de uma comunidade majoritária, assimilando parcialmente os costumes da sociedade inserida e aqueles que se recusam a adotar novos hábitos e perpetuam o modo de vida do país de nativo. Desta forma, ainda segundo as autoras, indivíduos provenientes de países lusófonos teriam uma maior facilidade para estreitar fronteiras e se acostumarem com os hábitos do país que os colonizaram.

De acordo com o texto apresentado “Padrões de casamento dos imigrantes brasileiros em Portugal” (2012), das autoras supracitadas, os casamentos

---

<sup>7</sup> A teoria da assimilação segmentada consiste de três partes: a) identificação dos três principais fatores exógenos em ação; b) descrição dos principais obstáculos com os quais os filhos dos imigrantes de hoje se defrontam; c) previsão das trajetórias previstas a partir da articulação dessas forças. Os fatores exógenos podem ser conceituados como os principais recursos (ou a falta deles) com os quais as famílias de imigrantes contam ao se defrontarem com os desafios externos enfrentados por seus filhos (PORTES, 2008). Ref.: Tempo soc. vol.20 no.1 São Paulo, 2008.

<sup>8</sup> A Assimilação clássica que anteciparam o avanço geral da nova segunda geração ganharão consolo com essas constatações. Suas conclusões otimistas, entretanto, devem ser relativizadas pelo fato de que os resultados subestimam o número de pessoas que sofrem mobilidade descendente (devido à seletividade da amostra) e de que, mesmo sem esse ajuste, uma minoria considerável tem sofrido tal mobilidade descendente com todas as sérias conseqüências, individuais e coletivas, que isso implica. Isto é, uma maior exposição à sociedade de acolhimento não significa necessariamente maiores aspirações.



mistos são um bom indicador da interação das comunidades imigrantes na sociedade de acolhimento, uma vez que representam diminuição da distância social entre grupos minoritários e grupos dominantes (FERREIRA; RAMOS, 2012). Ou seja, quanto maior o estreitamento de fronteiras entre os países, maior é seu laço de interações.

É importante salientar que as autoras (2012) citam os casamentos mistos como motor de mudanças sociais e culturais e a própria relevância da comunidade brasileira que vive em Portugal, para analisar os “padrões” de casamentos entre nacionalidades diferentes – com ênfase na brasileira. Os padrões analisados pelas autoras (2012) foram: sexo, idade, habilitações, existência de filhos de casamentos anteriores, forma de celebração do casamento, estado civil anterior, regime de comunhão de bens e as características do cônjuge, entre outros.

Um dos fatores que promove a união entre brasileiros e portugueses, é o fato de haver inúmeros brasileiros residindo em Portugal, causando, assim, encontros maiores e por consequência, casamentos exogâmicos. Um fato que pode intensificar os casamentos entre estrangeiros é a idade dos brasileiros que migram para Portugal, que por sua vez estão em idade ativa, isto é, idade com probabilidade de maior número de matrimônios, com predominância de indivíduos jovens que buscam na imigração a concretização das suas aspirações econômicas e profissionais (MASSANET; PADILLA, 2010). Não obstante, além da idade, o tempo de permanência do estrangeiro no país, influência também para aumentar a probabilidade de casamentos mistos.

Como tal, um fator essencial no âmbito da teoria da assimilação é o tempo de permanência dos imigrantes no país receptor: grupos com uma permanência mais longa têm mais probabilidade de casar fora do grupo de origem do que grupos pertencentes a vagas de imigração mais recentes. Outros fatores de integração social que potenciam a união entre grupos estrangeiros e nativos são o domínio da língua e a aquisição de certas competências pessoais (conhecimento da cultura e dos estilos de vida) próprias do país de destino (VAN TUBERGEN E MAAS, 2007).

Os indivíduos com idade economicamente ativa dirigem-se para cidades litorâneas com maiores propensões de crescimento como: Lisboa, Faro, Setubal, as quais contam com um posicionamento geográfico estratégico em relação ao resto da Europa, podendo exercer um comércio facilitado com o resto do Sistema Internacional. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE) apud Ferreira e Ramos (2012) a partir de 2008 a comunidade brasileira passou a ser a maior comunidade residente em Portugal. É interessante citar que o leste europeu também teve sua representatividade em residência estrangeira no país, como imigrantes da Ucrânia, Romênia e Moldávia.

Considerou-se imigrante brasileiro todo indivíduo nascido no Brasil e não aquele com nacionalidade (constante no bilhete



de identidade) brasileira, uma vez que a nacionalidade é mais facilmente sujeita a alteração (por exemplo, por casamento) enquanto a naturalidade permanece a mesma ao longo da vida (FERREIRA; RAMOS, 2012, p. 372).

Desde 2001 a migração para Portugal tem aumentado com o propósito do matrimônio. É interessante levar em consideração que os casamentos civis são superiores aos casamentos realizados em cerimônias religiosas.

No que se refere ao país dos cônjuges, a maioria dos brasileiros escolhe um português para se casar (exceção para o caso em que o cônjuge é um homem brasileiro) [...] mudança no comportamento dos brasileiros no período entre 2001 e 2009, com tendência para aumento de “casamento dentro do grupo”, especialmente acentuado para os homens (FERREIRA; RAMOS, 2012, p. 374).

De facto, à luz da teoria da assimilação (Alba e Golden, 1986; Dribe e Lundh, 2008; Paginini e Morgan, 1990), podemos considerar este tipo de uniões como um indicador do grau de abertura a diferentes grupos sociais por parte das sociedades de acolhimento, de que Portugal é um exemplo porque se enquadra indubitavelmente naqueles países abertos às interações sociais e afetivas com cidadãos estrangeiros (RAMOS; GASPARELLO e FERREIRA, 2013).

## 6. A volta dos descendentes de portugueses para Portugal

A identidade por diferença é um componente comum às outras formas identitárias. No processo temporal da consciência histórica, a afirmação dos indivíduos e dos grupos se dá na sucessão e na contemporaneidade do pensamento e da cultura produzidos pelos próprios homens mediante a constituição da diferença (MARTINS, 2010).

O emigrante quando sai de seu país, possui novas e eufóricas expectativas para melhorar sua qualidade de vida, evoluindo em sua condição socioeconômica na sociedade de origem. De acordo com Rocha-Trindade (1995) [...] desde o momento que se cristaliza a intenção de partir, o emigrante é, na generalidade, acompanhado ao longo de seu itinerário geográfico e temporal, pelo desejo (ou intenção potencial) de regressar um dia ao seu país de origem.

Portugal enxerga de forma positiva a imigração de mão de obra qualificada e, sobretudo, jovem, já que a sua população também migra, de maneira crescente, para os demais países da União Europeia em busca de trabalho –levando em consideração a crise econômica<sup>9</sup> que afetou

---

<sup>9</sup> A Crise Econômica imperou na Europa, ou melhor dizendo, na Zona do Euro, impactou severamente vários países europeus. Os assim denominados pejorativamente PIIGS + Chipre: Portugal, Itália, Irlanda, Grécia, Espanha e Chipre foram os países mais afetados pela crise, em razão do crescente endividamento, e do alto déficit público em relação ao PIB. Assim, os jovens migram para países mais ricos esperando uma condição de vida melhor, bem como, os brasileiros se mudam para Portugal.



severamente o país. Rocha-Trindade (1995) explicita que outro fator pode ser percebido através da faixa etária da população residente em Portugal que por sua vez é majoritariamente adulta – com idade avançada - e idosa. Portanto, é de interesse do Governo Português renovar sua força de trabalho, caso o emigrante seja de uma país que partilhe a mesma matriz cultural, linguística e de uma parcial adaptação social, sua atratividade eleva-se no conceito de agregar valor para sua filiação ao país.

Realizando uma retrospectiva, em 1971 foi firmado o Estatuto da Igualdade Brasil-Portugal<sup>10</sup> que adveio da assinatura da Convenção sobre direitos e deveres entre brasileiros e portugueses. Esse tratado em forma de Estatuto vigorou até o ano de 2001, quando foi substituído pelo Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta<sup>11</sup>. De acordo com o Consulado de Portugal em São Paulo (2005), no ano 2000 a Assembleia da República nacional aprovou a ratificação do Tratado de Amizade, Cooperação e Consulta entre Portugal e Brasil, que havia sido assinado em Porto Seguro em 22 de abril de 2000 e promulgado em setembro de 2001. Ficou reafirmado pelo tratado a vontade mútua de ambos os países em estreitarem as boas relações e continuarem a cooperarem em diversas áreas, como já era de costume entre as duas partes desde o tratado precedente, porém, dessa vez a cooperação transbordava para outras áreas e se tornava ainda mais extensa.

No que tange estritamente as questões de visto e passaporte, o consulado (2017) lembrou que, para além das facilidades culturais e linguísticas que viabilizam em grande parte a migração, a diretoria do SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras) de Portugal anunciou no início do ano de 2016 que: de julho em diante os portadores de passaporte brasileiro poderiam utilizar um sistema eletrônico (chamado *Rapid*) que efetua a leitura dos documentos sem intervenção humana, facilitando o tramite de entrada no país. O sistema fotografa a identidade da pessoa, que se confirmada libera o acesso. É necessário lembrar que a entrada de brasileiros já era facilitada pela isenção do visto.

Os acordos se dão em diversas áreas, inclusive na cooperação em defesa. No início desse ano foi assinado o documento que tornava mais fácil e maior o acesso da indústria brasileira ao mercado português e europeu, garantindo também que sejam feitas ações militares conjuntas no Atlântico Sul. A cooperação é ilustrada quando vemos a área industrial criada por Portugal onde atuam duas unidades da empresa brasileira Embraer, na cidade de Évora.

---

<sup>10</sup> O Estatuto regulamenta que os brasileiros e portugueses podem ter o mesmo direito de um cidadão do país de destino, mesmo que ainda seja um estrangeiro. Ou seja, um cidadão português pode usufruir dos mesmos direitos que um cidadão brasileiro enquanto estiver no país e vice-versa.

<sup>11</sup> Quando o indivíduo encontra-se morando no país, ele tem o direito de adquirir um documento parecido com o cartão de identidade que o compara a um europeu em seus direitos e deveres. Ou seja, para ter direito aos benefícios do Estatuto, é preciso que o requerente tenha autorização de residência no país solicitado.



## 7. Considerações Finais

À medida em que os brasileiros imigravam para Portugal e permaneciam em solo português em decorrência principalmente do vínculo matrimonial, acordos e incentivos entre os países foram sendo firmados. A abertura de Portugal para os brasileiros foi e está sendo consolidada progressivamente. De acordo com o Consulado Geral de Portugal em São Paulo (2017), existem cerca de 15 acordos vigentes entre os dois países atualmente. Podemos dizer que o tratado que estabelece a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) propiciou ainda mais o estreitamento e viabilizou futuros acordos.

Prova disso é a de que Portugal tomou a iniciativa em novembro de 2016 de firmar um acordo com os demais países lusófonos que previa maior acesso a estudantes e trabalhadores estrangeiros, sobretudo brasileiros e com elevado nível de qualificação. Como parte do acordo estava a garantia de acesso aos direitos sociais e trabalhistas e recebimento automático dos vistos de residência e trabalho. A previsão, quando o acordo foi firmado, é de que o mesmo entrasse em vigor em até dois anos, ou seja, até 2018.

Desta forma, e a partir dos exemplos supracitados, podemos concluir que quanto maior o grau de similitude cultural, ou seja, de identificação entre as culturas das sociedades, maior é o grau de assimilação segmentada. Em outras palavras, a assimilação segmentada entre brasileiros e portugueses é vista a partir do primeiro princípio da teoria, aonde o migrante já tem um grau de identificação com a cultura parecido, porém, também se propõe a se aculturar. O aumento de casamentos binacionais neste sentido, são o reflexo das relações entre as duas nacionalidades e da própria teoria da assimilação, uma vez que somente os casamentos mistos entre lusitanos e brasileiros têm se elevado, enquanto casamentos entre portugueses com outras nacionalidades tem decrescido.

A assimilação cultural neste sentido, é vista como a refutação da hipótese apresentada: quanto maior o grau de similitude, maior o grau de integração e aculturação que geram casamentos mistos, em outras palavras, o brasileiro por pertencer a uma matriz cultural parecida com a portuguesa consegue se inserir na sociedade com mais facilidade, gerando um maior grau de integração matrimonial entre as duas nacionalidades.

## Referências bibliográficas

ACNUR. **Captação de Recursos**. 24 maio 2016. Disponível em: <http://acnur.org/t3/portugues/o-acnur/junte-se-a-nos/captacao-de-recursos/>. Acesso em 24 de maio de 2016.

ACNUR. **Refugiado ou migrante?** O ACNUR incentiva a usar o termo correto.



1 de outubro de 2015. Disponível em: <http://www.acnur.org/po> HYPERLINK "http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/"rtugues/noticias/noticia/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/. Acesso em 24 de maio de 2017.

BARBOSA de C., Garden. A dimensão espacial das redes migratórias. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Redes**, v.20, n.3, Rio de Janeiro, 2015.

BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do Mundo**. Editora Fundamento Educacional Ltda., 2009.

BLASTING NEWS. **Governo Português cria acordo e incentiva brasileiros a se mudarem para Portugal**. 1 novembro 2016. Disponível em: <http://br.blastingnews.com/mundo/2016/11/governo-portugues-cria-acordo-e-incentiva-brasileiros-a-se-mudarem-para-port> HYPERLINK "http://br.blastingnews.com/mundo/2016/11/governo-portugues-cria-acordo-e-incentiva-brasileiros-a-se-mudarem-para-portugal-001224435.html"ugal-001224435.html. Acesso em 23 de maio de 2017.

CASTILHO, Élida. **Notas sobre o Estatuto da Igualdade Brasil-Portugal**. Disponível em: <http://domtotal.com/direito/pagina/detalhe/29495/notas-sobre-o-estatuto-da-igualdade-brasil-portugal>. Acesso em 23 de maio de 2017.

CHAGAS, Paulo. AGÊNCIA BRASIL. **Portugal amplia as relações com o Brasil, diz primeiro ministro português**. 1 de novembro de 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-11/portugal-amplia> HYPERLINK "http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-11/portugal-amplia-relacoes-com-brasil-diz-primeiro-ministro-portugues"-relacoes-com-brasil-diz-primeiro-ministro-portugues. Acesso em 23 de maio de 2017.

CONSULADO GERAL DE PORTUGAL EM SÃO PAULO. **Tratados e acordos entre Portugal e Brasil**. 2005. Disponível em: <http://consuladoportugal.org.br/dados-sobre-portugal/tratados-e-acordos-entre-portugal-e-brasil/>. Acesso em 23 de maio de 2017.

FERNANDES, Florestan. Antecedentes indígenas: organização social das tribos tupis. In: DAVID, Antônio. (Org.) **O Brasil de Florestan**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Perseu Abramo, 2018a. p. 85 – 111.

FERNANDES, Florestan. Elementos étnicos na formação brasileira. In: DAVID,



Antônio. (Org.) **O Brasil de Florestan**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Perseu Abramo, 2018b. p. 10 – 19.

GOMES, Alessandro Martins; ROCHA, Roberto Barroso da. Descobrimento/Achamento, Encontro/Contato e Invasão/Conquista: a visão dos índios na descoberta da América Portuguesa. **Indentidade!**, São Leopoldo, v.21, n. 1, jan-jun. 2016. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/2742>. Acesso em 11 de março de 2020.

GOMES, Laurentino. **1808: Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil**. Editora Planeta do Brasil, São Paulo, 2007.

KOSMINSKY, Ethel V. Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: dos estudos de aculturação para os estudos de gênero. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v.15, n. 3, p.773-804, dic. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2007000300016&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000300016&lng=es&nrm=iso). Acesso em 11 de março de 2020.

MANNHEIM, K. **El problema de las generaciones**. [Tradução: Ignacio Sánchez de la Yncera], Revista Española de Investigaciones Sociológicas, n. 62. 1993.

PORTAL BRASIL. **Brasil e Portugal assinam acordo de cooperação em defesa**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2017/02/brasil-e-portugal-assinam-acordo-de-cooperacao-em-defesa/> HYPERLINK "http://www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2017/02/brasil-e-portugal-assinam-acordo-de-cooperacao-em-defesa". Acesso em 23 de maio de 2017.

MASSEY, Douglas. Economic development and international migration in comparative perspective. **Population and Development Review**, 14: 383-413, 1998.

REZENDE M., Estevão: **Cultura e Poder**, Instituto Brasileiro de Relações Internacionais, Editora Saraiva, 2a Ed., 2010.

OLIVEIRA, João Pacheco de. O nascimento do Brasil: revisão de um paradigma historiográfico. **Anuário Antropológico [Online]**, 2010. p. 10-40. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/758>. Acesso em 11 de março de 2020.

PELEGRINI, Carolina Vieira. **O embranquecimento da nação miscigenada: a representação brasileira na Feira Internacional de Nova York, 1939-1940**.



2014. 96 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16413/1/2014\\_CarolinaVieiraPelegri.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16413/1/2014_CarolinaVieiraPelegri.pdf). Acesso em 11 de março de 2020.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. **Sociologia das Migrações**. Disponível em: <https://www.wook.pt/livro/sociologia-das-migracoes-maria-beatriz-rocha-trindade/88881>. Acesso em 22 de maio de 2017.

SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SOARES, W.: **Da metáfora à substância**: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 2002.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo soc.**, São Paulo, v.20, n. 1, p. 199-218, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702008000100010&lng=en&nrm=i so](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702008000100010&lng=en&nrm=i so)>. Acesso em 11 março de 2020.

### Como citar este artigo:

VALENTE, Amanda Matos. Como os casamentos exogâmicos em Portugal são influenciados pelas migrações brasileiras para o território lusitano. **Áskesis**, São Carlos - SP, v. 9, n.2, p. 223-244, jul./dez. 2020.

**ISSN: 2238-3069**

**DOI: <https://doi.org/10.46269/9220.359>**

Data de submissão do artigo: 14/10/2019

Data da decisão editorial: 27/05/2021